

**O DISCURSO SOBRE EDUCAÇÃO DE MOVIMENTOS CONSERVADORES
NO BRASIL E NA ARGENTINA**

Talita Maria de Souza
USP

Introdução

Em nossa pesquisa contrastamos as discursividades de dois movimentos conservadores que abordam a temática educacional, um brasileiro e outro argentino. Neste texto, apresentaremos algumas de nossas análises iniciais partindo das **designações** desses dois movimentos: *Escola Sem Partido* e *Con Mis Hijos No Te Metas*. Começaremos apresentando cada um deles, na sequência trataremos da fundamentação teórica de nossas análises, para depois apresentarmos as análises das designações e comentarmos os resultados obtidos.

Os movimentos

Escola Sem Partido é o nome de um movimento brasileiro, criado em 2004, que vem ganhando grande projeção nacional nos últimos anos. Atualmente, também designa o Projeto de Lei (PL) 246/2019, apoiado por pessoas vinculadas a este movimento, e outros Projetos de Lei similares a ele, apresentados em diversos municípios e estados do país desde 2014. Em seu site oficial, o movimento *Escola Sem Partido* é apresentado como: “uma iniciativa conjunta de estudantes e pais preocupados com o grau de contaminação político-ideológica das escolas brasileiras (...) uma associação informal, independente, sem fins lucrativos e sem qualquer espécie de vinculação política, ideológica ou partidária”.

Con Mis Hijos No Te Metas é o nome de um movimento criado no Peru, em 2011, e que hoje designa grupos espalhados por diversos países da América Latina, inclusive Argentina, país cujas textualidades analisamos. Em sua página web, o movimento é apresentado como “un movimiento ciudadano que nace como reacción a la imposición de la ‘Ideología de género’ en nuestros hijos mediante el sector educativo”. Hoje em dia ele está atrelado aos movimentos antiaborto do país.

Começamos apresentando as declarações dadas pelos membros desses movimentos, mas entendemos que elas não são suficientes para explicá-los. Na tentativa de apontar o que os discursos desses movimentos dizem, para além do que os sujeitos que os enunciam dizem ser suas intenções, trabalharemos utilizando o instrumental teórico da Análise de Discurso Materialista (AD), pois, a partir da AD, entendemos que tais sujeitos não são a origem de seus

dizeres, mas, estão inscritos em **formações discursivas** que funcionam “impondo dissimulando-lhe seu assujeitamento sob a aparência da autonomia” (PÊCHEUX, 1997, p.164).

Em nosso texto focaremos nos nomes (Designações) dos dois movimentos. Esses nomes poderiam ser outros e, por esta razão, os nomes escolhidos abrem certas possibilidades de interpretação, pelos efeitos de sentido que eles suscitam. Mostraremos uma análise das designações *Escola Sem Partido* e *Con Mis Hijos No Te Metas*, a partir da noção tal como compreendida por Eduardo Guimarães, como ressignificadora do real, não “como o empírico, mas como o identificado pelo simbólico” (GUIMARÃES, 2002, p.89).

Ambos os movimentos emergiram com força nos anos 2010, com discursos que aparentam neutralidade e alcançam grande força de circulação. Nesse contexto, tal análise se mostra pertinente para a compreensão do período e as razões pelas quais eles ganham circulação, o que nos parece fundamental a partir do momento em que já atravessam nossa sociedade, afetando as práticas adotadas pelos estabelecimentos de ensino e os sujeitos que neles circulam. Para ajudar a realizar nossa análise, utilizaremos algumas das textualidades produzidas e divulgadas pelos dois movimentos em seus sites de divulgação.

Efeitos de sentidos, evidências e derivas

Como dito anteriormente, nossa pesquisa está situada na Análise de Discurso Materialista. Interessa-nos olhar para as Designações dos movimentos que investigamos pensando nos **efeitos de sentido e de evidência** que a partir delas são construídos. Para Michel Pêcheux (2014, p.81), discurso não é uma transmissão de informações, mas de “efeito de sentidos”; segundo o autor, as palavras “recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas” (id., 1997, p.160-161) e “mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam” (ibid., p.160). Ou seja, os sujeitos, inscritos em formações discursivas, são por elas levados a produzirem certas interpretações e não outras.

As formações discursivas também autorizam esses sujeitos a produzirem certos enunciados e não outros, o que nos leva a afirmar que o que movimenta os argumentos não é a vontade particular do indivíduo, mas as possibilidades permitidas pelas Formações Discursivas nas quais estes estão inscritos, são elas que determinam “o que pode e deve ser dito” (ibid., p.160), dentro delas os sujeitos são levados a ocupar uma **posição-sujeito**, uma vez que “a noção de sujeito não recobre uma forma de subjetividade, mas um lugar, uma posição discursiva” (ORLANDI, 1998, p.13).

Dessa forma, podemos observar que dentro das formações discursivas, em uma transparência dissimulada, muitos discursos circulam com efeito de evidência, como se fossem

verdades absolutas, enquanto outras possibilidades de sentido são silenciadas, em uma tentativa de apagamento. Nas palavras de Pêcheux (1997, p.162) “o próprio de toda formação discursiva é dissimular, na transparência do sentido que nela se forma, a objetividade material contraditória do interdiscurso”. Por essa razão, podemos dizer que ainda que um sujeito tente apontar qual é a melhor interpretação para seus enunciados ele não é capaz, pois, apesar de ter a impressão de que é a origem dos sentidos que produz não o é e, como consequência, não tem “completo domínio do que diz” (ORLANDI, 1998, p.11). Nas palavras de Eni Orlandi (ibid., p.16): “A ideologia, na análise de discurso, está na produção da evidência do sentido (só pode ser “este”) e na impressão do sujeito ser a origem dos sentidos que produz”.

Até mesmo quando falamos em referente, noção que costuma ser tomada como “o real”, estamos falando de algo que faz parte das **condições de produção** por tratar-se “de um objeto imaginário (a saber, o ponto de vista do sujeito) e não da realidade física” (PÊCHEUX, 2014, p.83). Para Eduardo Guimarães, “o processo de referência através de uma palavra, que aparece como algo neutro, como um modo de indicar algo pela expressão linguística, na verdade significa o que o Domínio Semântico de Determinação desta palavra no seu texto (ou textos) significa”, elas “são relações que se constituem pelo modo como se relacionam com outras num texto” (GUIMARÃES, 2007, p.80). Guimarães afirma que “os movimentos designativos ressignificam constantemente o real, que não está aí como o empírico, mas como o identificado pelo simbólico” (id., 2002, p.89).

Dessa maneira, consideramos que através das análises das designações *Escola Sem Partido* e *Con Mis Hijos No Te Metas* podemos começar a revelar como os sujeitos que compõem tais movimentos organizam seus argumentos em uma narrativa, os veremos capturados na ocupação de uma posição-sujeito, comprovando que não são através das intenções pessoais deles que os argumentos são movimentados, mas das possibilidades dadas a eles pela Formação Discursiva na qual estão inscritos. Serão estas formações discursivas que ouviremos falar em nossas análises, elas mobilizam os sentidos que aqui aparecem. Procuraremos pelo que Orlandi (1998, p. 11), citando Pêcheux, chama de “pontos de deriva” de um enunciado, ou seja, as fissuras pelas quais podemos interpretar. Tentaremos encontrar nessas derivas o processo de construção de sentidos que forma as designações analisadas. Olhamos para nosso objeto, visando “descrever a relação do sujeito com sua memória” (ibid., p.11).

Iniciaremos nossas análises pela designação *Escola Sem Partido*, para tanto recorreremos aos textos “Apresentação”, “Sobre nós” e “Objetivo”, disponíveis no site escolasempartido.org, e também ao texto do PL 246/2019, disponível no portal da Câmara dos Deputados.

A designação *Escola Sem Partido* é composta por um substantivo (escola) determinado por um sintagma preposicional (sem partido), o sujeito que pede uma *Escola Sem Partido* está falando de um tipo específico de escola, não se trata de todas as escolas, mas das que seguem determinado funcionamento, as que – como veremos – não estão “contaminadas ideologicamente”. Ao trazer uma determinação para o intradiscorso, para a materialidade da língua, o enunciador faz presente as disputas interdiscursivas, que estão no interior dos discursos, entre diferentes Formações Discursivas ao redor do que se entende por escola. Se tal entendimento fosse comum a todos, apenas o substantivo (escola) seria suficiente para referi-la.

Na sequência temos, a preposição (sem), no sintagma preposicional (sem partido), funcionando como, um conteúdo pressuposto que nos permite inferir a existência de *Escolas Com Partido*. O pressuposto é um procedimento de implicação não discursivo, ou seja, os elementos pressupostos estão “inscritos na significação dos elementos que compõem o enunciado” (CABRAL, 2010, p.61), são conteúdos tomados como inquestionáveis. Ao evidenciar a existência das *Escolas Com Partido*, o locutor tira esse conteúdo do campo da discussão, tomando-o como “aquilo que todo mundo sabe”. Ao analisar uma faixa onde se dizia “vote sem medo” Orlandi (2015, p.40) diz que a faixa “mobiliza os sentidos do medo. Argumenta contra, no entanto faz presente a questão do medo”, o mesmo observamos aqui, ao argumentar a favor de uma escola “sem partido” a questão das escolas “com partido” é colocada. O funcionamento desse pressuposto justifica a existência do movimento, se o *Escola Sem Partido* é proposto e há interesse em legislar nessa causa, é porque existem, segundo estes sujeitos, muitas *Escolas Com Partido* que precisam ser denunciadas, para que sejam modificadas. Tudo o que o movimento diz que a escola não pode ser projetada o que ela é, ou seja, o que o consideram *Escolas Com Partido*.

No site escolasempartido.org o movimento é apresentado da seguinte maneira: “dedicado ao problema da instrumentalização do ensino para fins políticos e ideológicos”, um espaço onde as pessoas podem “expressar suas opiniões sobre professores, livros e programas curriculares que ignoram a radical diferença entre educação e doutrinação”, uma vez que o movimento tem a intenção de “promover a liberdade de pensamento e o pluralismo de ideias nas escolas brasileiras”. Ao dizer o problema da escola, estão descrevendo o que a escola é e

como deveria ser: é instrumentalizada para fins políticos-ideológicos, é composta por professores que ignoram a diferença entre educação e doutrinação, deve ser livre e plural. Lembrando que “livre e plural”, e todas as demais ideias expressadas neste texto, também não são palavras neutras, mas tem seus sentidos definidos pela Formação Discursiva na qual os sujeitos estão inscritos. O substantivo “Partido” não corresponde necessariamente a um partido político, como podemos supor ao verificar somente as condições de produção imediatas, mas à instrumentalização política ideológica, doutrinação, pensamento único e opressor. É dessa forma que o sintagma preposicional (sem partido) vai sendo reescriturado dentro do corpus analisado.

“A reescrituração, ao mostrar-se como dizendo o mesmo, diz outra coisa e esta outra coisa passa a fazer parte da designação do nome reescriturado” (GUIMARÃES, 2002, p.69). Cabe destacar que a crítica do movimento *Escola Sem Partido* está voltada mais especificamente à figura dos professores, são eles os responsabilizados por partidizar o ensino. Dentro de nosso corpus também acompanhamos o mesmo mecanismo de reescrituração em relação a estes profissionais, eles vão sendo reescriturados como doutrinadores, usurpadores dos direitos dos pais, mal-intencionados, manipuladores, autoridade máxima na sala de aula, falsos educadores, militantes ou, quando não são nada disso, cúmplices ou covardes por não denunciarem seus pares.

A leitura da PL 246/2019 confirma esta observação. São os professores que precisam ser lembrados de seus deveres, através de cartazes nas salas de aula: “Art. 5º As instituições de educação básica afixarão nas salas de aula e nas salas dos professores cartazes com o conteúdo previsto no anexo desta lei” (PL 246/2014, p. 2); ter suas condutas vigiadas, por meio de vídeos e gravações de áudios feitos pelos alunos: “O projeto reconhece também o direito dos estudantes e dos pais de gravar as aulas, caso a escola não o faça ou não disponibilize as gravações” (PL 246/2019, p.6); e, tem um comportamento passível de receber denúncias anônimas: “O Poder Público contará com canal de comunicação destinado ao recebimento de reclamações relacionadas ao descumprimento desta Lei, assegurado o anonimato” (PL 246/2019, p.3), para que seja salvaguardado o cumprimento da lei.

Todas as reescriturações feitas tanto para o sintagma preposicional (sem partido) quanto para o substantivo (professores), ao longo das textualidades analisadas, “faz significar algo que não estava significado” (GUIMARÃES, 2007, p.87), “este procedimento atribui (predica) algo ao reescriturado” (ibid., p.82). Esses novos sentidos circulam repetidamente, dessa forma vão ganhando efeitos de evidência e sendo naturalizados. Assim, a escola e os professores começam a ganhar ares de inimigos da educação a serem combatidos.

Passaremos agora à análise da designação *Con Mis Hijos No Te Metas*. Para tanto, recorreremos ao texto “nosotros”, disponível no site conmishijosnotemetas.com.ar.

A negação (no te metas) carrega um pressuposto que em seu funcionamento contém duas enunciações: a primeira está explícita, “não quero que você se meta com os meus filhos”, e a segunda pressuposta, “você está se metendo com os meus filhos” (estás metiéndote), ou seja, a educação das crianças está em risco, pois existem pessoas intrometendo-se inapropriadamente com ela. Tal pressuposto é tomado como evidência, causando assim o efeito de acusação que é dirigida aos envolvidos com o processo educativo e justifica a existência e relevância do movimento.

A escolha pela utilização do possessivo, que aparece conjugado na primeira pessoa do singular (mis) e não no plural (nuestros/nuestras), como seria esperado por designar um grupo, argumenta que cada pai ou mãe fala em defesa de seus filhos (meus) e não de todas as crianças (nossos). Cada família é responsável por suas crianças, ainda que em outros momentos do corpus apareçam demandas enunciadas no plural. Ao invés de um pensamento coletivo temos a ênfase à individualidade, o que coloca este enunciado em uma Formação Discursiva que valoriza escolhas e responsabilidades individuais. Inclusive, a utilização desse possessivo na construção de um movimento que defende a família tradicional, formada por um casal heterossexual, com um pai e uma mãe, causa certo estranhamento, pois o esperado seria uma referência, se não ao coletivo, ao menos ao casal (nuestros).

O emprego do substantivo “hijos” mostra que o que está posto não é o caráter de criança da pessoa, mas sua relação familiar. A defesa da família tradicional está no campo do dizível de uma formação discursiva antiprogressista ou conservadora. Este substantivo convoca a necessidade de tutela de um sujeito incapaz de desenvolver criticidade, que necessita proteção, cuidado, como no enunciado já citado anteriormente: “no queremos que a nuestros hijos les adoctrinen con ideología de género”, afinal de contas há alguém se metendo, interferindo inadequadamente na educação deles e sozinhos não saberão proteger-se. A junção do possessivo (mis) com o substantivo (hijos) produz o sentido de propriedade, tais crianças e adolescentes não respondem por si.

O possessivo (mis) nos dá algumas instruções ao apontar o locutor e o destinatário a quem o enunciado está se referindo. “Temos assim a imagem da posição sujeito locutor (quem sou eu para lhe falar assim?) mas também da posição sujeito interlocutor (quem é ele (...) para que eu lhe fale assim?)” (ORLANDI, 2015, p.38): um pai ou uma mãe se dirigindo a alguém que está se intrometendo com a educação de seus filhos. É a partir dessa relação que começa a se

formar a cena entre um locutor e seu destinatário e as imagens em relação a tais posições vão sendo criadas, nesse momento é importante que a análise se volte para a forma de tratamento utilizada. Segundo Cintrão (2011, p. 465), na escolha do pronome de tratamento “o enunciador-destinatário é julgado pelo enunciador-destinador em conformidade ou não com certos contratos sociolinguísticos anteriormente estabelecidos no sistema da língua”. A opção por determinadas formas de tratamento nunca é meramente referencial, nem neutra, “elas são uma região do sistema linguístico que carrega potencialmente a tensão dos conflitos de classe e interesses, além de carregar potencialmente tensões afetivas” (ibid., p. 462). Na designação *Con Mis Hijos No Te Metas*, o sujeito é expresso pelo pronome (te) e pela flexão do verbo (metas), temos assim o funcionamento dos pronomes “tú” ou “vos”, frequentemente relacionados à expressão de proximidade entre locutor e interlocutor, mas aqui funciona impondo distanciamento e trazendo à tona assimetrias nas posições. “Uma opção por “você”, por “tú” (ou por vos que representaria um caso ainda mais complexo, segundo a região), pode provocar o efeito de solidariedade ou proximidade afetiva, mas também de irreverência e desrespeito, desprezo ou indiferença, de uma certa insolência e arrogância” (ibid., p. 463-464). E é nesse segundo grupo de adjetivos que localizamos a utilização do pronome nesse que é um contexto de acusação.

Por último, analisamos o funcionamento do imperativo nesta designação, a relação locutor/destinatário afeta também o funcionamento dele, que poderia estar expressando uma súplica, um pedido ou uma ordem. Nesse caso, além de estar caracterizando uma relação marcadamente hierarquizada, ela também carrega uma acusação, o que lhe faz funcionar como uma ordem.

Considerações finais

Ao analisar discursivamente as designações *Escola Sem Partido* e *Con Mis Hijos No Te Metas* desvelamos alguns dos pré-construídos que a partir delas aparecem, apontando para uma visão que é própria de uma formação discursiva antiprogressista, que leva os sujeitos a elas engajados a tratar as instituições de ensino e os professores que nelas atuam como perigosos doutrinadores, inimigos da educação que devem ser combatidos. Essa é uma informação que aparece como evidente, não entrando para a discussão por eles levantadas. Os sujeitos que participam desses movimentos dizem não ter nenhum tipo de vinculação ideológica, e já nessas falas vemos a formação discursiva funcionando, ao dissimular esse assujeitamento: “o ‘pré-construído’ corresponde ao ‘sempre-já-aí’ da interpelação ideológica

que fornece-impõe a 'realidade' e seu 'sentido' sob a forma da universalidade o 'mundo das coisas'" (PÊCHEUX, 1997, p.164).

Nesta formação discursiva, que chamávamos de conservadora no momento em que pensamos o título do projeto mas hoje já nomeamos como antiprogressistas, vemos a permissão para a elaboração de discursos que tenham: os alunos vistos como seres acrílicos, a valorização das escolhas e responsabilidades individuais, a família tradicional tomada como o único modelo de família possível, criminalização da divulgação de pautas progressistas, etc. Quem não esteja de acordo com esses princípios são tidos como inimigos, os sujeitos pertencentes a estes movimentos dizem que a escola tem sido um espaço de deturpação dessas ideias.

A Análise de Discurso Materialista nos ajuda a observar a não neutralidade das designações analisadas. Ao designarem seus movimentos como *Escola Sem Partido* e *Con Mis Hijos No Te Metas* e não de outras maneiras, os sujeitos fizeram escolhas que revelam informações sobre as formações discursivas em que estão inscritos. Dessa maneira, reafirmamos que saber sobre suas intenções não esgota uma interpretação. Os enunciados pronunciados por esses indivíduos não se tratam de opiniões pessoais, ainda que funcionem sob essa aparência. O que eles dizem nem sempre vai de encontro com o que dizem ser suas intenções.

Apesar de serem ditos por sujeitos diferentes, que falam situados em países diferentes, a partir de línguas distintas, tais discursos estão inscritos na mesma posição-sujeito, ou seja, os sujeitos que os pronunciam compartilham as mesmas formações discursivas e por essa razão produzem efeitos de sentido muito semelhantes, mostrando que tais discursos para além de opiniões pessoais são movimentados pelas formações discursivas. A diferença em alguns pontos das condições de produção (que não demos conta de tratar neste momento, mas ainda retomaremos em nossa dissertação), e a heterogeneidade constitutiva das formações discursivas fazem com que o discurso não seja materializado de maneira idêntica.

Retomando a análise de Orlandi anteriormente citada (2015, p.84): "Ao dizer 'vote sem medo' estamos silenciando outro dizer 'vote com coragem' que produziria sentidos em outra direção, de acordo com outra memória, significando outra posição do sujeito, etc". *Escola Sem Partido* poderia ter sido formulada como "Escola Crítica", "Escola Livre" ou de tantas outras formas, mas essa escolha específica foi feita e nos permitiu interpretar dessa maneira, mostrando assim uma posição-sujeito específica. O mesmo acontece com o *Con Mis Hijos No Te Metas*.

A escolha destas designações específicas nos permite ver derivas, que possibilitam a construção dos sentidos que trouxemos no texto. Nossa análise oferece uma interpretação possível para essas duas designações, uma análise nunca esgota as possibilidades de sentido. É muito importante destacar isso frente à naturalização de sentidos que os processos que causam os efeitos de evidência e neutralidade produzem no momento que ganham grande circulação na sociedade, silenciando outras possibilidades de interpretação para o que são as instituições de ensino e os profissionais que nelas trabalham e afetando a maneira como eles são vistos pela sociedade.

O imaginário faz necessariamente parte do funcionamento da linguagem. Ele é eficaz. Ele não “brota” do nada: assenta-se no modo como as relações sociais se inscrevem na história e são regidas, em uma sociedade como a nossa, por relações de poder. A imagem que temos de um professor, por exemplo, não cai do céu. Ela se constitui nesse confronto do simbólico com o político, em processos que ligam discursos e instituições (ORLANDI, 2015, p.40).



CABRAL, A. L. T. Pressuposição e argumentação. *In*: CABRAL, A. L. T. **A força das palavras: dizer e argumentar**. Editora Contexto, 2010. p. 59-84.

CINTRÃO, H. P. Pensando as formas de tratamento a partir da semiótica e a semiótica a partir das formas de tratamento. *In*: COUTO, L. R.; DOS SANTOS, C. R. (org.). **As formas de tratamento em português e em espanhol: variação, mudança e funções conversacionais**. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2011. p. 457-472.

GUIMARÃES, E. **Semântica do acontecimento**: um estudo enunciativo da designação. 1ª EDIÇÃO. Campinas: Pontes, 2002. 96 p.

_____. Domínio Semântico de Determinação. *In*: GUIMARÃES, E.; MOLLICA, M. C. (org.). **A palavra: forma e sentido**. 1ª EDIÇÃO. Campinas: Pontes Editores, 2007. p. 77-96.

ORLANDI, E. Paráfrase e polissemia a fluidez nos limites do simbólico. Rua, 4. Campinas. 1998. p. 9-19

_____. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 12ª edição. Campinas: Pontes Editores, 2015. 98 p.

NOSOTROS. Disponível em: <https://conmishijosnotemetas.com.ar/#!/-conmishijosnotemetas/?ancla=Nosotros>. Acesso em: 05 out. 2020

PÊCHEUX, M. A forma- sujeito no discurso. *In*: PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 3ª edição. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. p. 159-186.

_____. Análise automática do discurso (AAD-69). *In*: GADET, F.; HAK, T. (org.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 5ª edição. Campinas: Editora da Unicamp, 2014. p. 59-158.

QUEM SOMOS. Disponível em: <https://www.escolasempartido.org/quem-somos/>. Acesso em 05 out. 2020.